

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL NO AMBIENTE INTRAFAMILIAR

Esp. Igor Alessandro Almeida¹

Dra. Izabel Cristina de Araújo²

RESUMO

Este artigo aborda a relevância da educação sexual infantil no ambiente intrafamiliar. A pergunta orientadora para empreender a discussão encontra-se na seguinte indagação: a falta de orientações sobre sexualidade e educação sexual na infância tem promovido um ambiente familiar vulnerável? A metodologia da pesquisa é de cunho bibliográfico. A contribuição encontra-se em oportunizar, no contexto familiar, aconselhamento para uma abordagem sobre educação sexual infantil. Além disso, objetiva-se promover que a criança possa, ao longo do seu desenvolvimento psicosexual, ter uma boa compreensão da sexualidade humana, do seu próprio corpo e de como interagir com ele de forma saudável e prazerosa.

Palavras-chave: educação sexual; sexualidade; criança.

ABSTRACT

The purpose of this article is to carry out an analysis based on the discussion about the importance of child sex education in the intrafamily environment. The discussion comes through questioning whether the lack of basic orientation and educational initiative of parents about sexuality and sex education in childhood has fostered a vulnerable family environment. Through a bibliographical survey, it is intended to contribute to the family environment, where the child can throughout his psychosexual development have a good and pleasant understanding of human sexuality, of his own body and how to interact with him in a healthy way and prosaic.

Key words: Sexual education; Sexuality; Child.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um componente fundamental da personalidade, e têm influência na nossa vida desde o nascimento até a velhice; a propósito, ela se desenvolve desde a gestação.

Para Valladares (2001, p. 22), a sexualidade objetiva o equilíbrio do ser humano, onde compreende-se o crescimento global do indivíduo no plano intelectual, físico afetivo e sexual. Esse crescimento é o que o torna mais completo.

¹ Especialista em Sexualidade humana, terapia e educação sexual e pós-graduado no curso de Aconselhamento e gestão de pessoas da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE)/PR. Bacharel em Teologia pela FATEBE. Professor e palestrante na área de sexualidade.

² Doutora e mestre em Educação, pela Faculdade de Educação da Unicamp/SP. Pós-graduada em Aconselhamento e Gestão de Pessoas, pela FATEBE/PR e em Gestão Estratégica para Governantes, pela Unicamp/SP. Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Bacharel em Teologia pela FATEBE/PR. Professora da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: bel.araujo2@yahoo.com.br

A autora complementa que a educação sexual, juntamente com a sexualidade deve ser compreendida de forma ampla, abrangendo aspectos psicossociais, culturais e políticos. Logo, a formação sexual se dá quando ainda somos bebês, durante a amamentação, nas brincadeiras, nas roupas, no toque, no conhecimento do próprio corpo e ao sermos cuidados e acariciados por nossos pais. (VALLADARES, 2001, p. 22).

Muitos teóricos concordam que a sexualidade está sempre presente, pois, é a própria vida. Ross (2014), considera a sexualidade como um conjunto fenomenológico que contribui para o crescimento, o bem-estar e/ou a satisfação na vida e no amor. Ela compreende que a pulsão sexual age sobre as emoções, pensamentos, interações sociais, na saúde física e mental do ser humano. E de igual modo, a educação sexual torna-se parte central para a promoção da saúde integral de um indivíduo (ROSS, 2014, p. 19).

Sabe-se que os pais são os primeiros no ato de educar sexualmente seus filhos, apesar de, muitas vezes, não se darem conta deste papel. É fato que desde o nascimento, a criança está recebendo estímulos através do contato físico e emocional, e os pais constituem-se, portanto, os educadores mais importantes nesse processo. Nesse sentido, Ribeiro (2005) adverte que a falta de informação gera ansiedade e culpa e, numa relação a dois pode trazer danos irreparáveis na vida destes pequeninos (RIBEIRO, 2005, p. 18).

Para estabelecer uma relação saudável no seio familiar, é importante a forma como os pais lidam com a própria afetividade, já que é em casa, no ambiente familiar, que a criança recebe informações e estímulos, permitindo a construção e expressão de sua sexualidade.

Entretanto, a realidade é que a família ainda se encontra despreparada para educar sexualmente, seja por falta de informação, por vergonha adquirida por tabus ou preconceitos recebidos na infância. A grande maioria dos pais, educam os filhos se esquivando do assunto, ou por preconceito, ou pelo simples fato de não saberem lidar com a situação. Porém, ainda que o núcleo familiar se mostre sem muito preparo na força tarefa da educação sexual de seus filhos, é no ambiente intrafamiliar que se encontra o ponto de partida para a criança compreender sobre a sexualidade, e receber educação sexual de forma segura e saudável.

A presente pesquisa tem como um de seus objetivos compreender quais são as dificuldades encontradas pelos pais quanto à educação sexual dos seus filhos, bem como suas consequências na saúde humana. Quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica, uma vez que os dados foram coletados de livros e referências a respeito do tema “Educação sexual na infância no ambiente intrafamiliar”, priorizando autores que apresentassem experiência com trabalhos práticos na área de educação sexual para crianças. Desse modo, os dados levantados foram discutidos de maneira crítico-indutiva sem a pretensão de sugerir algo definitivo, mas sim desencadear novas discussões que contemplem a temática da educação sexual na infância.

Espera-se que este estudo teórico promova uma melhor compreensão sobre a sexualidade, o desenvolvimento psicosexual na infância, assim como, apontar orientações aos pais na educação sexual para seus filhos. E, do mesmo modo, contribuir para o aprofundamento do tema em questão como campo de estudo científico.

1. A SEXUALIDADE E O DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL

A Sexualidade³, é um assunto complexo, controverso e de difícil conceituação, em vista de se apresentar como um tema tabu ao longo dos séculos. Para Bearzoti, a sexualidade adquiriu o sentido restrito ao termo “sexo”, e/ou atos sexuais, longe da infância, da inocência angelical, onde sustenta-se a ideia de que as crianças são seres assexuados. (BEARZOTI, 1993, p. 3).

Para melhor se compreender a essência da sexualidade, há de considerar-se a teoria do médico e psicanalista Sigmund Freud, que conceituou a sexualidade como parte da trajetória humana desde o nascimento. Para Freud, ela passa por fases que são vitais para o bom desenvolvimento e vivência adulta. Contudo, pode-se afirmar que a sexualidade infantil acompanha o bebê desde o primeiro momento de vida – na amamentação, no ninar, entre outros atos afetivos – e, posteriormente, servirá de base para seu desenvolvimento e capacidade de construir vínculos e

³ O conceito de sexualidade para a autora Beartozi é: “sexualidade é energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação” (BEARTOZI, 1993, p. 4).

afetos. De acordo com os estudos de Freud, a construção da sexualidade humana e o desenvolvimento da personalidade psicosssexual se dão por etapas, que são distribuídas em cinco fases distintas: oral, anal, fálica, latência e genital. Estas iniciam-se desde o nascimento, alcançando a adolescência e perdurando na vida adulta de forma gradual.

De acordo com Nogueira (2008, p. 11-22), na teoria freudiana, a Fase Oral, equivale ao primeiro ano de vida do bebê, onde o prazer encontra-se centralizado nos lábios e na boca (sugar, comer, chupar o dedo). E gradualmente se deslocará com a erupção dos dentes pela descoberta do prazer de morder. No segundo ano de vida, o bebê encontra-se na Fase Anal. A fonte de prazer agora é transferida para a retenção e expulsão das fezes. A criança aprende a controlar os esfíncteres e o ânus é considerado a região de maior satisfação, por meio do “caráter retentivo anal”. A Fase Fálica ou Edipiana inicia-se entre o terceiro e o quinto ano de vida. O prazer é derivado da estimulação genital e fantasias associadas. É também a fase do Complexo de Édipo, que é o interesse sexual do menino pela mãe e da menina pelo pai. Depois, vem a Fase da Latência, que ocorre entre os seis e os doze anos de vida. É marcada pelo período característico de repreensão temporária dos interesses sexuais. O prazer deriva do mundo externo, de atividades socialmente aceitas, da curiosidade em prol de novas descobertas. Ou seja, a criança passa a gastar sua libido em atividades sociais e escolares.

Por último, a Fase Genital que se inicia a partir do décimo segundo ano de vida, se estendendo para a vida adulta. O prazer é derivado do impulso sexual da adolescência e ocorre o interesse sexual pelo companheiro de sexo oposto. Desenvolve-se também o narcisismo (o amor por si mesmo). O período pré-genital se converte em amor a outrem e inclui motivos altruísticos. Ocorre, então, a emancipação da dependência dos pais. (NOGUEIRA, 2008, p. 11-12)

Finda-se, portanto, que a sexualidade exerce um papel fundamental no desenvolvimento humano, principalmente na infância, durante a formação da personalidade por meio das descobertas do mundo e da relação com o outro. A partir daí é estabelecido um processo de construção.

Portanto, é de suma importância que a temática da sexualidade tenha um espaço maior na educação do lar, em todas as fases do desenvolvimento humano. A família tem um papel fundamental na construção psicosssexual destes pequeninos. É

preciso atenção, cuidado e educação sexual durante o desenvolvimento de uma criança para a vida adulta saudável.

2. SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E SAÚDE EMOCIONAL

Sabe-se que a sexualidade faz parte da vida humana, a qual está intimamente ligada com o desenvolvimento integral da pessoa. Ela se manifesta em diferentes etapas da vida de um indivíduo. Schiavo (2004), compreende a importância de tratar o assunto de forma positiva desde a infância. Ele ressalta que desde o início de nossas vidas a sexualidade norteará as sensações e percepções de prazer. (SCHIAVO, 2004, p. 93):

A sexualidade, desde o início de nossas vidas, encontra-se associada às sensações e percepções de prazer. Acredita-se que, a parte do corpo que transmite as maiores sensações de prazer seja a boca. Através dela, o bebê suga o leite que o alimenta e lhe transmite alívio, saciando sua necessidade básica, proporcionando a sensação de prazer (SCHIAVO, 2004, p. 93)

Os autores ressaltam que “educar filhos não é uma ciência exata”. Porém muito se tem avançado na compreensão sobre o conceito de paternidade e maternidade e do sexo, sendo de fácil acesso o conteúdo desses estudos. Mesmo que o tema ainda se apresente como controverso e desconfortável para muitas famílias, já é possível afirmar que tanto pais como mães podem orientar o desenvolvimento sexual dos filhos. (RICHARDSON; SCHUSTER, 2010, p. 33).

Ethridge (2009) propõe instrução aos pais, para a importante tarefa de instruir seus filhos a lidarem com as dúvidas e dilemas da sexualidade. Ele sinaliza aos pais para investirem na integridade emocional das filhas. “Se você falar de vários aspectos sexuais com a sua filha, garantirá que ela obtenha a informação correta e tenha atitudes saudáveis em relação à sexualidade”.

Como os jovens, em geral, absorvem informações de amigos, de televisão, de filmes, das músicas e da internet, o cérebro de sua filha, como uma esponja, vai absorver as informações de algum modo. Portanto, quanto mais informações corretas sobre sexo, você conseguir que sua filha absorva, mais atitudes saudáveis ela terá na mente sobre o dom divino da sexualidade. (ETHRIDGE, 2009, p. 36).

Diante de muitas distorções e o forte apelo sexual em volta da sexualidade, Shelb (2016), faz um alerta para a proteção e cuidados com as crianças decorrentes de abusos e distorções sobre a sexualidade. Sobretudo se chama atenção para o aspecto da saúde psicológica considerando que estes infantes ainda estão

vulneráveis. O autor complementa que são muitas as mensagens que violam os direitos das crianças, e que incentivam a prática sexual precoce em todos os ambientes, seja nas escolas, seja na mídia, comprometendo assim o bom desenvolvimento psicológico destas crianças:

Infelizmente muitas violações de direitos têm sido praticadas em orientações e aulas sobre o tema [...]. Através de exibição de filmes pornográficos, estímulo a masturbação infantil e a prática sexual precoce em abusiva e violação psicológica. (SHELBY, 2016, p. 1).

Compreende-se a importância de falar sobre sexualidade e educação sexual para crianças, combatendo as mensagens abusivas e distorcidas, que só compromete a dignidade humana destas (SHELBY, 2016, p. 1).

Partindo do significado amplo da sexualidade, o qual considera o desenvolvimento emocional de cada sujeito, é preciso levar em conta que esse desenvolvimento depende do aprendizado obtido por meio das relações construídas a partir da infância vivenciada no seio familiar. Especial atenção deve ser dada ao processo de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento psicossocial desta criança por parte dos seus responsáveis.

Para Ezzo e Bucknam (2012, p. 9), a primeira infância: “é a época de inocência e de brincadeiras, uma época em que a alegria de uma descoberta se une à próxima aventura à espera de uma nova esquina”. Porém no seio familiar encontram-se grandes lacunas no que se refere à prevenção e cuidados básicos para um bom desenvolvimento emocional e da integridade sexual dos filhos.

Para os autores Stan e Brenna Jones (1998), muitos dos problemas sexuais surgem posteriormente quando as necessidades fundamentais da infância não são supridas, sendo que o infante, então, desenvolve a sensação de desamor e rejeição. Eles ressaltam que a maioria dos pais desenvolve a preocupação quanto à educação sexual de seus filhos, de forma equivocada. Os pais procuram proteger seus filhos da morte e de todo o mal e, igualmente, tentam proteger seus filhos dos males em torno da sexualidade, e acabam amedrontando-os:

Queremos protegê-los da morte, das ruínas e desgraças da doença; da gravidez ilegítima, do aborto, da culpa e da devastação emocional [...]. Podemos notar a importância desta meta mais claramente quando admitimos que um meio de proteger nossos filhos dos resultados negativos que possam advir das más atitudes sexuais seria amedrontá-los sobre a sexualidade quanto crianças. (JONES; JONES, 1998, p. 8-9).

Deste modo, o caminho da educação sexual encontra-se em todo o processo educativo e cotidiano do ambiente familiar de uma criança. Ezzo e Bucknam (2012), partem da realidade de que a criança só terá uma única infância. Portanto, cabe aos pais proteger seu filho diante do estado vulnerável e impressionável próprios dele. Eles chamam a atenção dos pais para a compreensão de que, desde muito cedo, os infantes estão a todo momento investigando, experimentando o mundo que os cercam. E é no ambiente intrafamiliar que devem ser influenciados, positivamente:

O ambiente familiar da terna infância afeta profundamente os padrões de aprendizado das crianças durante um tempo em que são impressionáveis. É por isso que é tão importante que nós tornemos essas as impressões certas durante uma fase de crescimento que carinhosamente denominamos de A Primeira Infância. (EZZO; BUCKNAM, 2012, p. 9).

Portanto, a vida de um infante é um eterno florescer, e são os pais os guardiões desse jardim de inocência. Sendo assim, é no ambiente harmonioso e cuidadoso que estes pequeninos devem ser nutridos e preparados para aprender a se defenderem do mundo que os espera.

3. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE INTRAFAMILIAR

Educar os filhos sobre sexualidade e dar uma educação sexual adequada, não é uma tarefa muito fácil para os pais. Observa-se, ainda hoje, que existe uma grande dificuldade dos pais em compreender a sexualidade e as fases do desenvolvimento psicosssexual de seus pequeninos. Muitos compartilham de suas dificuldades em administrar o ensino sobre o tema no ambiente familiar. Stran e Brenna Jones (1998) relatam a realidade de muitas famílias, onde os pais admitem que “sentem a língua presa, ficam inibidos, envergonhados, intimidados ou mesmo entram em pânico quando chega a hora de falar sobre sexo”. Portanto, a pergunta que se busca responder é como educar sexualmente os filhos, preservando-os de possíveis abusos psicológicos acerca do tema. Para os autores, desenvolver habilidades são fundamentais para a função de educador sexual no ambiente familiar:

Quais são exatamente as suas qualificações para a importantíssima função de educador sexual da família? O que leva você pensar que é adequado para essa posição? O que leva você pensar que pode fazer do jeito certo e não realmente confundir a cabeça desta criança? Você tem alguma experiência prévia nesta linha de trabalho? (JONES; JONES, 1998, p. 34).

Nessa reflexão, torna-se imprescindível aos pais terem a consciência do papel de educadores sexuais de seus filhos. Eles ainda complementam esclarecendo que o objetivo não é promover uma consciência intimatória aos educadores, e sim, orientá-los de forma cuidadosa e reflexiva para a tarefa de educadores sexuais de seus filhos (JONES; JONES, 1998, p. 34).

Compreende-se, portanto, que os pais desempenham papel expressivo no que se refere à formação e educação sexual dos seus filhos, mesmo que encontrem muitas dificuldades para realizar esse papel no ambiente familiar. Como a sexualidade infantil ainda está ligada à tabus e preconceitos, para vencer esta barreira persistente, é importante que os pais compreendam e saibam claramente que eles possuem um papel fundamental na formação psicológica da criança durante o seu desenvolvimento, pois os filhos precisam sentir-se seguros e acompanhados pelos seus pais.

Ross (2014), aponta que os pais que acompanham o desenvolvimento de seus filhos nas diversas etapas da vida estão exercendo o bom senso natural na sua formação biopsicossocial. E isso pode garantir para a criança, de forma natural, um bom desenvolvimento de sua sexualidade. (ROSS, 2014, p. 53).

Sendo assim, a conscientização da educação sexual no ambiente intrafamiliar é de suma importância, seja pelos pais, educadores ou autoridades em exercício. Cabe a estes promoverem uma educação sexual infantil saudável e preventiva.

4. EROTIZAÇÃO E VULNERABILIDADES NA INFÂNCIA

Ethridge (2005) ressalta a importância de se refletir sobre as influências dos ambientes que nos cercam, os quais, de igual modo, influenciam as crianças, visto que a mente infantil modela-se ao mundo em que a mesma vive. Ele ressalta o forte apelo de conteúdo sexual predominante, onde as cenas de sexo inundam os meios de comunicação (ETHRIDGE, 2009, p. 103).

Para Levin e Kilbourne (2009), a sexualização da infância é um caso de saúde pública que ultrapassa a fronteira dos lares e afeta a todos com dimensões globais. Esta sexualização tem como objetivo a exploração sexual de infantes (LEVIN; KILBOURNE, 2009, p. 204).

Para Shelb (2015), as nossas crianças estão expostas a violação de seus direitos à dignidade humana. São fortemente estimuladas à erotização, à pornografia e à prática do sexo precocemente, através das músicas apelativas⁴, filmes e literaturas infanto-juvenil, as quais induzem e sugerem abusivamente a prática sexual infantil (SHELBY, 2105, p. 15). Ele denuncia o cenário cultural erótico e abusivo para infantes, outro registro alarmante, propostas de leis, que promovem o estímulo à prostituição pelo Governo Federal: “O próprio Governo Federal propôs a legalização da exploração da prostituição”⁵. O autor ainda lembra que o Brasil é um dos principais destinos mundiais para exploração sexual e prostituição, inclusive de crianças. Ou seja, o Brasil é palco de erotização infantil, com incentivo do poder público, influenciado pela mídia e organizações sociais.

“A erotização precoce da infância não é um fenômeno espontâneo, mas resultado de políticas públicas e estratégias de órgãos da mídia, partidos políticos e organizações sociais”. (SHELBY, 2016, p. 17)

Shelb (2016), afirma que o apelo erótico infantil e os estímulos à pedofilia, são mascarados em leis no Congresso Nacional, presentes em projetos como: proposta para a criança poder mudar de sexo sem a aprovação de seus pais⁶; aprovação de legalização da prostituição⁷; material didático do Ministério da Educação estimulando o “prazer sexual” infantil⁸. No Brasil se encontra uma avalanche de propostas abusivas e insanas no que se refere à educação sexual infantil (SHELBY, 2016, p. 7).

Levin e Kilbourne (2009) lamentam o efeito devastador da sexualização infantil, que se tornou um mal cultural. Crianças estão sendo submetidas a experiências através de mensagens que as deixam amedrontadas e confusas,

⁴ Um exemplo de música pornográfica no Brasil: “eu não tô de brincadeira eu meto tudo, eu pego pra valer; chego cheio de maldade, eu quero ouvir você gemer [...] tem sabor de chocolate o sexo que a gente faz; corpo quente, tô suado; vem melar lamber...”

⁵ Veja a proposta original de Reforma do Código Penal, PSL nº 236/2012, apresentado no Senado Federal que, dentre outras coisas, propõe a descriminalização da exploração da prostituição alheia, por meio de casas de prostituição, e a redução da idade de consentimento para relação sexual de 14 a 12 anos de idade.

⁶ Projeto de lei Nº 5002/2013, art.5º, Câmara dos Deputados, de autoria dos Deputados Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Erika Kokay (PT-DF).

⁷ O PLS nº 236/2012 propôs legalização as casas de prostituição, inclusive para adolescentes.

⁸ [...] “Guia Escola” do Ministério da Educação, orientando professores a “respeitarem e exercitarem” o direito à expressão sexual a criança e adolescentes “DIREITO À EXPRESSÃO SEXUAL” – expressão é mais do que um prazer erótico ou um ato sexual. Cada indivíduo tem o direito de expressar sua sexualidade por intermédio da comunicação, do toque, da expressão emocional e do amor”.

comprometendo o seu desenvolvimento saudável. (LEVIN; KILBOURNE, 2009, p. 6-7).

A erotização infantil ganha espaço mundo afora. Prova, disso é que movimentos internacionais promovem articulações em prol da liberação sexual entre adultos e crianças, usando como defesa o argumento que o prazer sexual é um direito da criança, de acordo com Shelb (2016):

Existe um movimento internacional organizado que propõe a legalização da relação sexual entre adultos e crianças. Defendem que o prazer sexual é um direito da criança. Para os pedófilos, é muito importante estimular a erotização precoce na infância, permitindo mais facilmente a prática sexual consentida. Em sua visão corrompida, meninos e meninas, de qualquer idade, deveriam ter a liberdade de decidir quanto a manter ou não contato erótico ou relação sexual com adultos. Sustentam que a decisão deve ser da criança e estabelecem, inclusive, limites em sua “defesa” (SHELBY, 2016, p. 17).

Para Shelb (2016), estamos enfrentando uma avalanche de distorções, seja pela diversidade e/ou pela liberdade sexual, através dos movimentos sociais tendenciosos, pela mídia e partidos políticos, os quais buscam estimular crianças à erotização precoce. Desta forma, promovem a ideia de que movimentos criminosos pedofílicos são algo natural. “Crianças estão expostas a um intenso estímulo à erotização no Brasil. Há um enorme incentivo à pornografia e à prática sexual precoce por meio de músicas, filmes e literatura infanto-juvenil”. (SHELBY, 2016, p.15).

O autor compreende que o direito da criança tem sido violado e ressalta a importância de definir um conteúdo didático de orientação que promova educação, proteção e dignidade aos direitos da criança, especialmente na formação psicológica e na educação sexual destes pequeninos. (SHELBY, 2016, p. 15).

A falta de diálogo, de orientação básica e iniciativa educativa acerca da sexualidade e educação sexual na infância, tem promovido um ambiente familiar vulnerável. A forte influência social, através da mídia, erotismo infanto-juvenil, incentivo a prática sexual precoce, dentre outras distorções, trazem prejuízos à sexualidade das crianças.

O que os pais devem fazer diante de um cenário caótico que compromete a saúde e bom desenvolvimento de uma criança? Os pais devem começar bem cedo a ensinar seus filhos a filtrar a avalanche de mensagens recebidas pelas mídias, de maneira que aprendam a selecionarem o que lhes é apropriado. (ETHRIDGE, 2009, p. 106).

Como se vê, a educação sexual não é uma missão fácil. A todo momento e em qualquer lugar, seja dentro ou fora de casa, as crianças estão vulneráveis e suscetíveis aos riscos de mensagens saturadas de estímulos por conteúdos pornográficos. Ainda há muito a discutir sobre educação sexual infantil, no ambiente familiar. O tema vem sendo discutido por alguns autores que têm se dedicado a contribuir e a instruir os pais, quanto ao assunto da educação sexual infantil. Para este assunto em questão, muitos conteúdos são oferecidos como respostas e sugestões, os quais trazem conceitos teóricos e práticos que validam tal discussão.

O conselho que Levin e Kilbourne (2009) dá aos educadores é com relação a um bom planejamento, com estratégias que possibilitem uma educação sexual apropriada a idade de cada criança, a fim de, principalmente, minimizar o prejuízo causado pelas mensagens inadequadas. Eles também ressaltam que os adultos devem ter a compreensão das fases do desenvolvimento sexual do infante, para melhor filtrarem o que é normal em certas idades e o que não é. Dessa forma, os pais tornam-se mais preparados para desempenhar o papel de educadores sexuais de seus filhos. (LEVIN; KIBOURNE, 2009, p. 55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a família é o primeiro núcleo de desenvolvimento e sociabilidade de um indivíduo, cabendo à mesma o papel de assegurar o desenvolvimento saudável e a conservação da integridade da criança. Ou seja, a família oferece proteção e cuidados especiais que são vitais para o crescimento saudável desta criança, promovendo um ambiente harmonioso e seguro para o seu desenvolvimento físico, psíquico e sexual, de modo que possa ter melhor preparo para as próximas etapas da sua vida.

Pode-se dizer que a educação sexual na infância está envolta por muitos conceitos resultantes da informação ou falta desta por parte dos pais. Considerando este prisma, as pesquisas existentes na área da sexualidade e a educação sexual são de suma importância para a saúde psicológica de todos os membros da família. Neste sentido, o estudo deste tema tem grande relevância social, já que o entendimento do fenômeno pode levar a modos mais adequados de lidar com a questão da educação sexual no ambiente familiar.

O presente artigo propôs apresentar uma discussão e reflexão sobre a educação sexual intrafamiliar, especialmente durante a infância, sendo explorado certos autores que detêm um pensamento contemporâneo sobre o assunto, com vistas ao esclarecimento e estímulo à tomada de consciência da responsabilidade em relação à educação dos filhos nessa área de educação sexual.

Como diretriz didática e prática de como atuar na educação dos filhos durante o seu desenvolvimento psicossocial e de personalidade, respeitou-se, então, a compreensão natural e gradual das crianças, a qual é embalada pelas curiosidades e pelas descobertas junto ao contexto social e familiar em que a mesma se encontra inserida.

Deixa-se como sugestão para futuras pesquisas, um estudo básico sobre a relação da atuação dos pais na educação sexual dos filhos na infância, como também métodos de prevenção à violência que podem envolver o abuso sexual, além de estudos que promovam notificação deste tipo de violência.

Finalmente, é de suma importância, com seriedade e urgência, suscitar uma conscientização da relevância da educação sexual no ambiente familiar, e de seu impacto no desenvolvimento saudável do indivíduo de maneira integral.

REFERÊNCIAS

BEARZOTI, Paulo. **Sexualidade**. Um conceito psicanalítico freudiano. 1993

ETHRIDGE, Shannon. **Preparando sua filha para a batalha de toda mulher**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

EZZO, Gory; BUCKNAM, Robert. **Educando Infantes**. Pompéia-SP: Universidade da Família, 2012.

JONES, Stanton. JONES, Brenda. **Como e quando falar com seus filhos sobre sexo**. Uma abordagem completa da infância à adolescência. São Paulo: Editora United Press, 1998.

LEVIN, Diane E; KILBOURNE, Jean. **A infância perdida**. Como orientar nossas crianças na área da sexualidade precoce. São Paulo: Gente. 2009.

NOGUEIRA, Larissa F. S., **Educar E Cuidar**. Conteúdos de formação operacional direcionados às fases de desenvolvimento da primeira infância na perspectiva freudiana. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC-2016/LARISSA_F.S.NOGUEIRA.pdf. Acessando em: 20. 04.2018

RIBEIRO, Marcos. **Sexo, como orientar seu filho**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

RICHARDSON, Justin. SCHUSTER, Mark A. **Sobre Sexo** Tudo o que você teme que seus filhos perguntem, mas precisa informar. São Paulo: Editora MM, 2010.

ROSS, Marie-Paul. **A sexualidade dos jovens**. Pequeno manual para pais e educadores. São Paulo: Paulinas, 2014.

SCHIAVO, Márcio Ruiz. **Manual de orientação sexual**. São Paulo: O nome da Rosa, 2004.

SHELB, Guilherme. **Orientações sobre sexualidade**. Limites e desafios. Rio de Janeiro: Ed. Central gospel, 2016.

VALLADARES, Katia. **Orientação sexual na escola**. Rio de Janeiro: Quartet. 2001.

ZORNING, Abu-Jamra, Silvia Maria. **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões**. Psicologia em Estudo, [en linea] 2008.